

---

# Otto Lara Resende ou Bonitinha mas Ordinária

Por Regina Simeão\*

“Com Nelson, só a tiro!” disse, irritado, Otto Lara Resende ao deparar-se com o luminoso anúncio do Teatro Maison de France.

Era a estréia da mais nova peça de Nelson Rodrigues que justificou o título como homenagem ao Otto.

Nelson usou uma das frases de Otto como tema principal da obra: O MINEIRO SÓ É SOLIDÁRIO NO CÂNCER. A partir daí desencadeia uma reflexão na pele do personagem Edgar.

O milionário Dr. Werneck, proprietário da empresa onde Edgar trabalha, lhe oferece a filha Maria Cecília, estuprada por cinco homens. É preciso casá-la urgentemente.

Peixoto, um dos genros do Dr. Werneck, é o intermediário na negociação e adianta um gordo cheque a Edgar, como incentivo do acordo. O conflito inicia-se exatamente nesse momento. O cheque deixa-o frente a frente com o poder. Corromper-se ou manter-se digno? A frase de Otto (“O mineiro só é solidário no câncer”) e o cheque estão relacionados em seu consciente. Edgar sabe que atrás da frase está a imperfeição do homem. O câncer é sinônimo de morte e esta é a certeza da limitação humana. O homem só é solidário diante da tragédia. Dostoiévski disse: “Se Deus não existe, tudo é permitido”.

Segundo o psicanalista Hélio Pelegrino, pela estrutura metafísica da frase de Otto, existe uma relação com a de Dostoiévski, pois o conceito de Deus nesta frase significa a última intuição radical dada ao homem para ter dignidade.

O conflito moral vivido por Edgar retrata nitidamente a fragilidade do ser humano na escolha de seu caminho. Usar ou não o cheque é uma decisão que o dirá digno ou não, que o elevará como ser. Edgar tem ressentimentos de sobra para viver esse dilema e motivos mais que justificáveis para se corromper: a noiva estuprada, a mãe obcecada por dinheiro e a revelação de que Ritinha, sua namorada, é prostituta. Tudo e todos são corrompidos ou levados à corrupção. As irmãs de Ritinha são usadas como atração em uma festa dada pelo próprio Dr. Werneck para serem, também, estupradas na vista dos convidados que vibram a cada grito das meninas, acentuando, ainda

mais, a perversidade, a crueldade e a tragédia que marcam suas obras.

As montagens das peças de Nelson chocavam o público e causavam a ira da burguesia. O contato direto com o público dava um tom a mais a sua expressão coloquial, retirada de fonte popular, pura e sem rodeios, mantendo, mesmo assim, a complexidade dramática profunda de seus personagens.

Vários diretores de cinema foram atraídos pela singularidade rodrigueana e transformaram em imagens algumas de suas peças. No decorrer das filmagens, críticos alertavam, precipitadamente, para o perigo destas adaptações. Alegavam que o texto de Nelson perderia toda a sua força no cinema e que só teria expressão no teatro. O que se comprovou foi exatamente o contrário. A FALECIDA, TODA NUDEZ SERÁ CASTIGADA, entre outros, foram sucesso de público e não ficaram indiferentes aos olhos dos críticos. BONITINHA, MAS ORDINÁRIA não obteve o mesmo sucesso de público, mas marcou presença mesmo considerando que na época em que foi filmado a maior preocupação era com a estética e não com o retorno financeiro. A reflexão da força do poder sobre a dignidade humana, a luta de Edgar para não corromper-se “foi pano de fundo para a imoralidade escancarada” disse a crítica sempre alerta. O filme segue, quase com exatidão, as falas da peça. O que muda é a imagem que detalha, ainda mais, o que foi visto ao vivo no teatro.

Nelson Rodrigues, que seria o principal interessado nesses comentários e nos variados adjetivos a ele atribuídos, apenas divertia-se com a torcida sempre organizada em combatê-lo.

No teatro ou no cinema, Nelson carregará sempre a bandeira da polêmica e, tenho certeza, que como bom gozador, continuará nos olhando e pensando na contramão de nossas idéias preconcebidas.

---

\*Bacharel em Letras e Aluna do Curso de Especialização em Produção Cinematográfica da FAMECOS/PUCRS.